

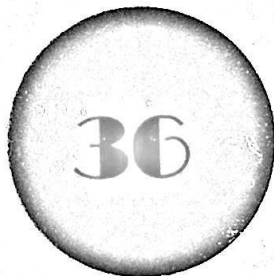
Centro de Estudos Bahianos

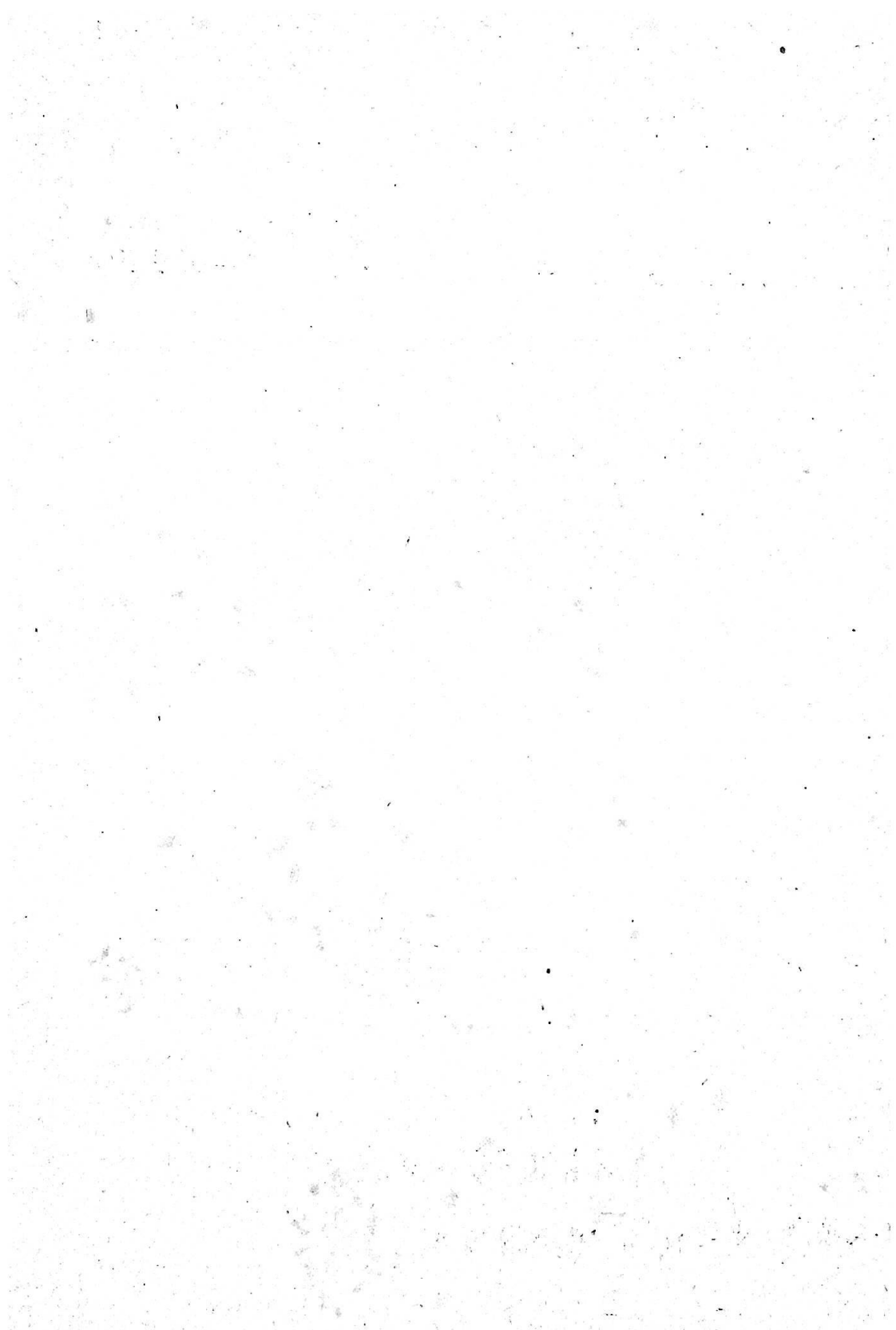
FREDERICO EDELWEISS

DOIS CAUDILHOS

(Como os viu o Consul Inglês Ernest Hambloch)

PUBLICAÇÃO
SALVADOR-BAHIA





CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

Em reunião há pouco realizada, o Centro de Estudos Bahianos, que tão bons serviços vem prestando à Bahia no setor da pesquisa histórica, reelegeu por unanimidade de votos os srs. Afonso Rui e Herman Neeser, respectivamente, Secretário Geral e Tesoureiro. Nessa sessão foi distribuído o n.º 35 das suas publicações, anunciando o Secretário que já se acham no prelo três publicações da autoria dos Profs. Frederico Edelweiss, José Calasans e Sr. George Abreu, trabalhos de muito interêsse para a Bahia, bem assim espera em pouco publicar trabalhos de Deolindo Amorim, tão dedicado à história da Bahia.

No final da reunião foi proposto e aprovado um voto de louvor pela forma por que a Mesa conduziu os trabalhos, e, em especial, um voto congratulatório à Prof.^a Anfrisia Santiago pelo seu trabalho sôbre o grande artista bahiano Franco Velasco.



Dois Caudilhos

(Como os viu o Consul Inglês Ernest Hambloch)

FREDERICO EDELWEISS

Dentre o grande número de personagens dos corpos diplomático e consular, que nos vêm observando e analisando, há quase século e meio, são relativamente poucos aquêles que divulgaram as minudências mais interessantes da sua vida pública e o juízo que formaram da nossa vida e dos homens que mais de perto conheceram em sua trajetória entre nós. Não deve isso surpreender-nos. A discrição é uma das qualidades precípua dos elementos oficiais de fora, que, na sua maioria, têm medo da repercussão muitas vêzes imponderável de suas declarações e dos seus comentários.

Dêsses poucos, entretanto, difficilmente poderíamos ignorar um só que fôsse, sem apagar ou enfraquecer um ou outro traço da nossa fisionomia nacional, tão vária no volver dos anos e de sul a norte.

O conde alemão von Langsdorff, proprietário da fazenda fluminense "Mandioca", fixada num dos desenhos de Rugendas, foi o conselheiro de quase todos os cientistas que chegavam à Côrte, e, além de naturalista e etnografo, foi cônsul da Rússia. William Gore Ousely, autor de magníficas aquarelas, das quais pelo menos cinco da Bahia, foi membro da embaixada britânica. O célebre explorador do interior do Brasil, do Paraguai, da Bolívia e do Perú, conde Francis de Castelnau, veio à Bahia, em 1849, na qualidade de cônsul francês, e, durante a sua permanência entre nós, escreveu principalmente sôbre o distrito diamantino. Tschudi, depois de explorar os Andes, estudou grandes áreas do Brasil e sobretudo as condições da fixação de colonos suiços na zona do Alto-Muricuri, em Minas-Gerais, enquanto esteve por aqui como enviado extraordinário da Confederação Helvética. A Ricardo Burton, um dos exploradores mundiais, que foi cônsul britânico em Santos, de 1865 a 1868, deve-se a versão inglesa co-

mentada de Hans Staden, além de uma série de Estudos sobre Minas-Gerais. Jaime Wetherell, vice-cônsul inglês na Bahia, deixou-nos as suas interessantes **Notas Esparsas**, que vão de 1842 a 1857.

Dois livros mais recentes dessa série consular, que merecem destacados por vários títulos, são:

Sua Magestade o Presidente e Cônsul Britânico,
de Ernesto Hambloch, do serviço consular britânico.

São admiráveis a perspicácia e o poder de análise, temperados com surpreendente espirito de compreensão e humor, dêste filho da Velha Albion.

Não pude furtar-me ao prazer de vos dar conhecimento de dois episódios, fixados no segundo dos seus livros citados, ambos de interesse especial para nós outros da Bahia.

Passou-se o primeiro dêles no Rio de Janeiro, em 1911, sendo atores, Pinheiro Machado de um lado e, do outro, o encarregado dos negócios da S. Majestade Britânica, O' Reilly. Hambloch fá-lo preceder de breve caracterização das duas personagens.

Eis os traços principais do seu retrato de Pinheiro Machado.

“O general Pinheiro Machado era um caudilho tipicamente sul-americano, isto é, um político decidido e dominador. Nunca foi oficial do exército regular; ganhou o seu título pela parte que tomou na repressão selvagem do movimento liberal, que se esboçara no Brasil Meridional, na aurora do regímen republicano. A sua ascensão ao mando político foi espetacular. Exerceu-o, entretanto, de preferência nos bastidores. Era macio, astuto e inclemente. Disse dêle o historiador Oliveira Viana, que era intransigente como Robespierre, porém muito mais accessível à corrupção. Fazia governadores, anulava eleições e diplomava deputados a seu bel prazer. — Foi de fato um tipo de homem impressionante à primeira vista e a sua basta cabeleira preta dava-lhe uma aparência leonina”.

“O'Reilly era diplomata, delicado, ainda que cheio de personalidade; combinavam-se nele a extrema confiança em si mesmo e maneiras excepcionalmente cativantes”.

O motivo da singular aproximação dos dois homens foi um incidente ocorrido em nosso Estado, que Hambloch expõe com rara isenção de ânimo.

“O Estado da Bahia, diz êle, possui grandes riquezas minerais em sua maioria inexploradas por falta de capital e em alguns casos também pela questionabilidade dos títulos de propriedade. — Desde algum tempo, vários homens de negócio ingleses nutriam a idéia de que a exploração de certas jazidas

bahianas devia ser altamente lucrativa, principalmente se as terras pudessem ser obtidas por meia pataca. E, um belo dia, eis que irrompe no sertão bahiano, sem que ninguém saiba exatamente de onde, uma chusma de aventureiros, na sua maioria australianos e sul-africanos, dirigidos por um indivíduo grego, forrado de astúcia, a quererem tomar conta, à fina força, de vasta extensão do território bahiano. Porém, se no Brasil ainda existe algo por descobrir, os Brasileiros preferem ir êles mesmos à sua procura. Os aventureiros foram, assim, prontamente cercados e confinados em ambiente mais estreito.

A possibilidade do seu relaxamento, diz Hambloch, era diminuta, à despeito de serem quase todos súditos britânicos, porque as vias diplomáticas são um tanto impróprias, quando se trata de aventureiros.

É a respeito dêsse incidente que o diplomata britânico pretendia entender-se com Pinheiro Machado, desprezando a via protocolar do Ministério do Exterior. O'Reilly sabia muito bem que os financiadores do bando estavam dispostos, ainda que sem aparecerem, a resgatar a bom preço os seus mandatários sem sorte.

A sua entrevista com Pinheiro Machado foi breve, segundo Hambloch.

"Dizem-me", começou o diplomata, "que o general é o homem mais poderoso do Brasil inteiro". O general Pinheiro Machado inclinou-se.

"Dizem mais", continuou O'Reilly, "que uma sua ordem não é apenas lei, mas está acima da lei". O brasileiro inclinou-se ainda, mas dardejou um olhar desconfiado no inglês.

"Bem, vamos ao caso", insistiu o representante britânico, dando à expressão o tom mais melífluo possível, "quanto é que o general quer para soltar os tais invasores da Bahia?"...

Desta vez o general não se inclinou; muito ao contrário, empertigou-se de repente e contendo-se a custo, perguntou: "Que significam estas palavras?" E, o inglês imperturbável: "Exatamente o que eu disse, general; quanto vai custar-me a soltura daquêles homens?". "Eu me recuso a responder-lhe esta pergunta e faça-me o favor de sair da minha casa", retrucou-lhe Pinheiro Machado, tocando a campainha.

Hambloch passa por cima da cena final, algo humilhante para o diplomata pouco diplomático, no caso. Porém, nós a adivinhamos: Ao toque da campainha entrou um criado ao qual o general terá dito: "Leve êste senhor até a porta da rua".

"Entretanto", continua o cônsul, que nos fixou a entrevista, "Pinheiro Machado tinha um fraco pelos homens de cora-

gem e, decorrido uma semana, mandou chamar o diplomata para dizer-lhe mais isto: "Sr. O'Reilly, nunca na minha vida encontrei um homem que comigo tivesse a sua coragem. O senhor perguntou-me se eu tinha influência; pois bem, vou mostrar-lhe que a tenho: Os australianos, os sul-africanos e o resto do seu bando serão postos em liberdade, com exceção do chefe; é grego e como tal está fora da sua alçada. — Passe bem".

Há outras referências a Pinheiro Machado no mesmo livro de Hambloch, das quais destacarei apenas a descrição, certamente pouco divulgada, da sua residência.

Alguns anos mais tarde, depois do assassinio de Pinheiro Machado, que se deu a 8 de setembro de 1915, o autor teve oportunidade de visitar a casa de Pinheiro Machado, em companhia do embaixador inglês de então. A viúva em pessoa mostrou-lhes os cômodos, pois pretendia vendê-la e o governo inglês estava à procura de uma sede para a sua Legação. — O que havia de mais impressionante no edifício, magnificamente situado, foram as precauções de Pinheiro Machado para impedir que fôsse morto durante o sono.

Compunha-se de dois pisos. As janelas do andar superior eram tão estreitas que nem a uma criança dariam passagem. Pesada grade de ferro horizontal munida de cadeado fechava o seu acesso pela escada à noite.

No fim de um dos corredores havia uma passagem secreta para uma sacada munida de dois ganchos para neles fixar uma escada de corda por onde se pudesse escapar em casos extremos.

Eis, meus confrades, um recorte da vida de Pinheiro Machado, que dificilmente encontraríamos alhures e que nos fixa um episódio capaz de neutralizar algum tanto a pena peçonhenta de Oliveira Lima.

* * *

O segundo retrato foi esboçado nas margens do São Francisco.

Acompanhemos até ali o nosso infatigável cônsul britânico numa viagem de inspeção, à Bahia, à cachoeira de Paulo Afonso, ao encontro do outro caudilho menos conhecido, mas não menos interessante: Delmiro Gouveia, o dono temporário da Paulo Afonso.

Estava no auge a primeira guerra mundial (meados de 1917) e importava ter um olho vigilante nas grandes firmas

alemães estabelecidas da Bahia ao Amazonas afim de solapar a sua influência nos estados do Norte.

Da Bahia fixa impressões sobre o cemitério inglês, as igrejas, os terreiros dos pais de santo e o convento de São Francisco, que visitou detidamente, apreciando os seus painéis de azulejos.

Falava fluentemente o alemão e notou na saleta de entrada grande número de livros alemães de propaganda, mas confessa que, por mais que tentasse em alemão o frade de olhos azuis que o conduzia, dêle não arrancou uma palavra sequer sobre a situação internacional.

Daqui seguiu Hambloch ao São Francisco por terra, via Aracajú e Propriá, onde chegou, após vários descarrilhamentos, no terceiro dia de viagem. Achou enfadonha a subida do rio até Piranhas, onde começam as cataratas.

A palavra "piranha" enseja-lhe a descrição dêsse voracíssimo peixe carnívoro dos nossos rios mais quentes e do qual Emílio Goeldí assevera que, se Dante o tivesse conhecido, certamente figuraria no seu inferno.

Atenhamo-nos, porém, novamente à narração do observador britânico.

"A pequena estrada de ferro de Piranhas a Pedra liga o baixo São Francisco ao curso superior. Eu havia contratado um trem especial e seguimos cedo no dia imediato a nossa chegada. O leito é íngreme e se agarra perigosamente à encosta da montanha. A meio caminho o trem parou. Impressionados pelo silêncio decidimos investigar o motivo da parada. A locomotiva estava abandonada; mas, depois de algum tempo, descobrimos o maquinista com o seu ajudante à procura de lenha. Tiramos o paletó, eu e o meu companheiro, reforçando a coleta de combustível.

Finalmente, de volta à classe, um estridente apito foi o sinal de nova partida. Continuamos a galgar a encosta; porém, apenas havíamos andado algumas centenas de metros, quando a maquina parou novamente e, desta vez, começamos a deslizar de costas por despenhadeiros e curvas fechadas, sem que os freios pudessem atuar, até que novamente atingimos terreno plano e paramos na estação de Piranhas. A explicação do chefe da estação foi curta e convincente: falta de pressão. Conseguida esta em grau suficiente, fizemos nova tentativa e desta vez chegamos a Pedra, embora com grande atraso sobre a hora aprezada. Alí encontramos "o coronel" Delmiro, o nosso anfitrião para quem trazia cartas de apresentação. Estava

a nossa espera com montadas. A nossa explicação da demora, respondeu lacônicamente: "Lombo de mula é mais seguro".

"Delmiro Gouveia também não era do exercito, mas da guarda nacional. O significado do titulo é antes político".

"Em tórno do coronel Delmiro corriam as mais fantásticas histórias e delas muito poucas a seu favor. Mas, indubitavelmente, era o tutú da zona. Castigos de doses maciças de óleo de rícino, torturas outras e eventuais eliminações misteriosas eram-lhe atribuídos. Dizia-se também que se arrogava títulos de posse a qualquer donzela da vila que lhe agradasse".

"É, pois, compreensível o meu interêsse todo especial em travar conhecimento com tão estranha personagem".

"Entretanto, a minha primeira impressão ao avistá-lo na estação, foi bem diferente. Se êste era o homem que diziam, decididamente, não parecia. Era atarracado; a roupa de linho pardo e o chapéu preto davam-lhe até uma aparência de respeitabilidade eclesiástica".

"As suas maneiras eram antes acanhadas; só os olhos pretos eram irrequietos e atrevidos. Classifiqueio-o, desde logo, como sertanejo típico. Fomos ao sítio onde morava e instalamo-nos na casa grande. Deixou-nos alí à vontade com a expressão costumeira, no Brasil: "A casa é sua". É uma frase feita, mas, quando um brasileiro a profere, sempre lhe vem do coração".

"Como o gaúcho, o seu compatriota meridional, o sertanejo do nordeste é criador de gado, mas a sua vida é bem diferente, porque as condições são muito mais árduas. Há sêcas periódicas e as pastagens são pobres; entretanto homens e bichos adaptam-se à natureza. O sertanejo, que passa a maior parte do seu tempo na sela, veste roupa e chapéu de couro cru. Experimentei essa indumentária e sentí-me tão tolhido como se me vissem metido numa armadura medieval. Delmiro quis fazer-me presente dela; recusei-a gentilmente, ficando apenas com o chapéu".

"O vaqueiro do nordeste é sêco e tem nervos de aço. Fala em voz baixa e sem gesticulações. É desconfiado, mas sabe ser amigo. A vida humana tem, para êsses lutadores, valor muito relativo".

"O coronel Delmiro era evidentemente algo mais do que um sertanejo comum. A sua influência era tão grande que lhe davam o título de rei do sertão. Devia o seu prestígio político em grande parte, à sua fortuna, mas esta dificilmente lhe poderia ter vindo tão só das suas habilidades de grande criador e negociante de gado. Havia montado uma grande

fábrica de linhas e possante usina elétrica. A sua organização impressionava; era provida dos mais recentes aperfeiçoamentos. A direção da vila era modelar; possuía escola, serviço médico e dentário, cinema e área de patinação. E, depois de mostrar-me tudo isso, acrescentou algo provocante, que ainda esperava banir, em breve, as linhas inglesas do mercado brasileiro”.

“Você poderia pelo menos ter-nos dado uma oportunidade montar-lhe a fábrica”, retruquei eu a provocação.

“Bem”, disse-me êle, arredando com o pé alguns canos de fabricação alemã de Mannesmann, “o fato é que o tentei. Fui à Inglaterra e pedi a uma grande firma que me fizesse um orçamento. Responderam-me que para isso careciam de especificações pormenorizadas. Mas, eu mesmo não sabia então exatamente o que pretendia fazer. Uma semana depois responderam-me, que sem plantas, não era possível elaborar um orçamento”.

“Até certo ponto achei a resposta razoável; porém, como, quando eu quero, quero mesmo, fui a Hamburgo e expus o meu sonho a uma firma alemã. Esta ofereceu-me um belo apartamento no melhor hotel de Hamburgo e, dentro de poucos dias ela tinha dado forma concreta a meu sonho num risco minucioso, acompanhado de um orçamento sujeito a pequenas retificações depois da inspeção, que um engenheiro iria fazer na minha propriedade. E, assim, a minha encomenda foi dada aos alemães”.

“Muito bem”, atalhei eu, “mas agora, Coronel, diga-me quando poderemos apreciar a sua cachoeira”? Delmiro, visivelmente satisfeito com as minhas palavras, respondeu imediatamente: “amanhã cedinho e o percurso será feito no meu Austin inglês. É uma honra para nós”, agradei eu, mas a risadinha disfarçada, que vi passar pelo semblante do homem deu-me a impressão de que a gentileza se misturara a uma diabrura qualquer. O enigma esclareceu-se à noite, quando nos levou ao seu bangalô, depois de jantar conosco na casa-grande. O bangalô ocupava a clareira de um vasto pomar e larga varanda com mesas e cadeiras corria-lhe em volta. Um gramofone tocava e uma linda brasileira, trajada a moda européia, sorria-nos as boas vindas.

“Amigos meus”, apresentou-nos Delmiro e, ao sentarmos segredou, a título de explicação: “Os senhores compreendem que a gente não é de pau, nem de ferro”. — Não me contive e retruquei que em tal companhia qualquer pau viraria homem.

“Vamos tomar um whisky e soda, que é o melhor artigo que vocês ingleses nos mandam”, retomou Delmiro o fio da conversa e continuou; “voltando ao assunto da **minha** cachoeira, devo dizer-lhes, que não a mostro a qualquer que me apareça por aqui. Mas vocês ingleses têm por vezes um jeito todo especial de dobrar a gente. Ha pouco solicitaram-me licença para inspecionar a **minha** cachoeira e nisso souberam ser corretos, porque, de fato, é **minha**, por efeito de uma concessão do governador da Bahia, cujo retrato viram na sala de jantar da **casa-grande**”.

Aqui se faz mister uma pequena explicação, intercala Hambloch na sua narração. Os serviços políticos prestados pelos coroneis do sertão costumam ser recompensados por concessões de varia ordem. É porém duvidoso o direito do governador da Bahia de presentear o coronel Delmiro com a cachoeira de Paulo Afonso, que é situada na junção de três estados. Seja como for, o coronel estava de posse dela, por mais que o govêrno federal a incluísse nos próprios nacionais.

“Vou agora contar-lhes o que fiz com um alemão, que me apareceu há cêrca de um ano”, continuou Delmiro. “Veio com uma carta do próprio presidente da República, autorizando-o a visitar as cataratas. Deixei-o esperar dias e dias até que perdeu a paciência e disse-lhe então: Se você quiser mesmo ver a Paulo Afonso, senta-se aí e escreva-me a carta que lhe vou ditar.”

A carta continha poucas palavras

“Faça-me o favor de permitir-me a visita à cachoeira de Paulo Afonso da sua propriedade”.

O alemão relutou, mas finalmente após a sua assinatura e eu guardei o documento. Dei-lhe a seguir montada à sua escolha e deixei-o ir aonde bem lhe aprouve”.

“O tempo estava agradável, se bem que as noites de junho não sejam quentes no interior daquela região; porém, quando fixei os meus olhares na profunda escuridão que circundava a varanda banhada de luz, estremeci. Sentí-me como se estivesse sentado num palco iluminado e da escuridão do mato me fitasse a assistência invisível; um calafrio vago percorreu-me a espinha.”

“Saímos cedo, de automóvel, para visitar a cachoeira. A esplêndida estrada, construída por Delmiro, atravessa durante algum tempo densa mata virgem. Passamos por cima de grossa jibóia que atravessava o nosso caminho. O tombo foi sensível, mas quando me virei para olhar, a cobra continuava o seu trajeto, como se nada tivesse acontecido. No sertão do

Brasil não se presta grande atenção às cobras e o nosso chofer também não fez menção de parar”.

“Um engenheiro italiano tomava conta da usina elétrica do coronel. A catarata forma uma série de sete cachoeiras convergentes, formando entre os paredões de rocha um caldeirão onde as espumas se agitam em pavorosa ebulição. A saída é estreita e até Piranhas sucedem-se numerosas quedas menores. A compreensão entre altas rochas faz com que as cachoeiras de Paulo Afonso não sejam tão espetaculares quanto as de Guairá ou de Iguaçu, mas a beleza selvagem da sua moldura e o abismo, semelhando numa chaminé infernal, em que a caudal se precipita, dão a Paulo Afonso uma grandiosidade tôda sua.”

* * *

“Só mais tarde contaram-me o segredo do vertiginoso crescimento da fortuna do coronel Delmiro”.

“Quase todo o papel moeda brasileiro é de fabricação estadunidense. Delmiro já era homem de recursos quando decidiu conhecer Nova York. Depois de uma ausência de vários meses retornou com bagagem singularmente crescida. A nenhum oficial alfandegário ocorreria, naquele tempo, examinar as malas de um político da influência do coronel Delmiro.”

“O fato é que, cêrca de um ano após a sua volta, os Bancos notaram que muitas das notas vindas da região do São Francisco eram quase novas. Mandaram-nas examinar; todas falsas como judas. Foi impossível descobrir-lhes a origem. Mas o coronel Delmiro, abastado de longa data, se havia tornado milionário.”

Quer-me parecer que Hambloch foi, neste caso, vítima da sua credulidade por desconhecer, no particular, o nosso ambiente. Até há poucos anos, todo negociante de sorte era inquinado entre nós de passador de moeda falsa.

Tornemos a narração do inspetor consular.

“O dia da feira na vila-modêlo de Delmiro era o domingo. Visitamo-la antes da partida. O coronel no-la mostrou pessoalmente. Alí colhi a impressão exata do quanto êle era popular. Para todos tinha uma palavra de agrado, principalmente para as mocinhas, que retrucavam às suas pilhérias sem o menor constrangimento. Aproximamo-nos de um carreiro, que se aprestava a voltar para casa com o carregamento ainda completo.

“Vendeu alguma cous”?, indagou Delmiro.

“Não foi preciso, patrão,” respondeu o homem, que então eu soube ser empregado do próprio coronel.

Fiquei intrigado e perguntei a Delmiro se êle mesmo supria os seus trabalhadores.

“De modo algum” disse-me êle, “mas não quero que a minha gente seja explorada. Por isso mando a cada feira um carregamento de gêneros de primeira necessidade com ordem de vendê-los aos limites fixados por mim, quando os produtores de fora tentam ultrapassa-los, e, desta forma, controlo os preços”.

“O coronel Delmiro pode ter sido o grande perigo para as donzelas da sua vila e um temeroso adversário. Atribuíam-lhe tantas cousas, que pelo menos algumas deviam ser verdadeiras. Da minha parte devo frisar, que duas recomendações levadas de amigos dêle foram suficientes para interromper as suas atividades costumeiras e tornar a minha visita a Paulo Afonso tão agradável quanto instrutiva. Foi um anfitrião perfeito. Exigiu-me a promessa de voltar a visitá-lo na torna-viagem do Amazonas. Mas, nunca mais o vi. Apenas, quatro semanas mais tarde, estando êle, como de costume, sentado com a sua amiguinha na varanda inundada de luz, dois clarões sinistros corruscaram na escuridão fronteira; duas detonações ecoaram pelo matagal; o coronel Delmiro escorregou da sua cadeira; estava morto”.

“Uma vingança política, na opinião mais corrente. Dizia-se também que os assassinos foram dois pais que desta forma vingaram a sedução das suas filhas. Não há dúvida que, a certos politiquieiros, êstes últimos rumores eram mais simpáticos. Libertados de poderoso competidor, tais boatos afastavam dêles também qualquer suspeita de cumplicidade”.

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

- 1 — Capelas Antigas da Bahia — Prof.^a Anfrisia Santiago — Esgotado.
- 2 — O Primeiro Teatro do Brasil — (Docs. de 1733) — Afonso Rui — Esgotado.
- 4 — O Príncipe de Joinville no Brasil — Frederico Edelweiss — Esgotado.
- 5 — A Colônia Leopoldina (1858) — Hermann Neeser — Esgotado.
- 6 — O Cacau na Economia Brasileira — Frederico Edelweiss — Esgotado.
- 7 — O Cronista e a Crônica do Brasil — Alberto Silva — Esgotado.
- 8 — Um Depoimento Diplomático (Correspondência do consul americano da Bahia — 1821 - 1823) Cid Teixeira.
- 9 — Amor de Príncipes (1843) — Afonso Rui — Esgotado.
- 10 — O Processo dos Eclesiásticos da Inconfidência Mineira — Alberto Silva — Esgotado.
- 11 — Estadistas Baianos do Império — Afonso Rui — Esgotado.
- 12 — Um Documento Inédito sobre as Fortificações da Cidade do Salvador — Alberto Silva — Esgotado.
- 13 — Padroeiros da Cidade do Salvador — José Lima — Esgotado.
- 14 — A Guerra de Canudos na Poesia Popular — José Calasans — Esgotado.
- 15 — Sobre a Campa Brazonada no Convento do Carmo — Hermann Neeser.
- 16 — Um Diário Inédito da Bahia no Século 17 — O Galeão “Nossa Senhora do Populo” — Luiz Monteiro da Costa — Esgotado.
- 18 — Contribuição ao Estudo das Sesmarias — Waldemar Matos
- 19 — Contribuição ao Estudo dos Morgados no Brasil — Cid Teixeira — Esgotado.
- 20 — O Forte que foi arrematado em Hasta Publica — Luiz Monteiro da Costa.
- 21 — Um Agitador Baiano: Cipriano José Barata — Afonso Rui.
- 22 — Contribuição ao Estudo do Ciclo das Festas Tradicionais — Antônio B. Príncipe — Esgotado.
- 23 — O Pregoeiro da Republica (Virgilio Clímaco Damázio) — Antônio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 24 — A Bahia de 1676 vista por um Médico Francês — Arnold Wildberger — Esgotado.

- 25 — Crônicas da Bahia — Antônio Viana.
- 26 — Esplendor e Agônia do Instituto Bahiano de Agricultura (1859-1902) Arquimedes Pereira Guimarães.
- 27 — Romanceiro Político Nacional — José Calasans — Esgotado.
- 28 — A Lenda de Sumé na Historiografia Bahiana — Alberto Silva — Esgotado.
- 29 — O Engenheiro Jesuíta Stafford — Luiz Monteiro da Costa — Esgotado.
- 30 — Arte Brasileira (Bibliografia Comentada) — José Valadares.
- 31 — O Sítio do Arraial e da Sepultura de D. Marcos Teixeira — Monsor. Manuel de Aquino Barbosa.
- 32 — A Bahia nas Côrtes de Lisboa — Antonio de A. Aragão Bulcão Sobrinho.
- 33 — A Proclamação da República na Bahia (Aspectos folclóricos) — Hildegardes Viana.
- 34 — Primórdios do Ensino da Química na Bahia — Arquimedes Pereira Guimarães.
- 35 — Festas populares da Bahia — Joaquim de Sousa Brito.



TIPOGRAFIA MANÚ EDITORA LTDA.
Rua Senador Costa Pinto 31
SALVADOR — BAHIA — BRASIL
1958